

## O ENTE EM TRÂNSITO: O SER ENTRE O EU E A CATEGORIA<sup>1</sup>

Fernanda Burack da Costa<sup>2</sup>  
Hila Martins Campos Faria<sup>3</sup>

### RESUMO:

A partir das investigações ontológicas empreendidas pela figura de Sócrates na obra platônica, ou seja, o método socrático de inquirir a realidade, fundamentou-se uma forma de fazer ciência na era clássica grega. Sua dialética era composta por dois elementos basilares, a saber, a refutação e a maiêutica, o que aponta uma contraposição epistemológica à concepção da essência do ente humano contida nas classificações positivistas da ciência moderna, representada pelos manuais diagnósticos internacionais de referência. O presente artigo objetiva examinar, por meio de uma pesquisa bibliográfica de caráter narrativo, a diferença entre a consciência de si do sujeito transgênero em contraste ao escopo teórico categorizador que os manuais diagnósticos versam sobre estes entes. Assim, pretendemos, por meio deste estudo, contribuir para a desconstrução de estereótipos patologizadores acerca da variabilidade de gênero, cooperando para a conscientização e prática dos profissionais de saúde. Quanto à população em geral, aspiramos colaborar para a quebra de paradigmas e mitos que tangem o constructo gênero. Sobre o sujeito transgênero, por ter o seu existir situado para além das possibilidades normativas predominantes, persistiu no senso comum a visão de que a responsabilidade das intervenções danosas e a não compreensão social ante o seu viver se devessem a algum atributo ou categoria patológica inerente a eles. Contudo, não se trata de um fator inato, mas sim de um conjunto de fatores sócio-políticos que submetem suas vivências e os destinam a habitar à margem social.

Palavras-chave: Identidade de Gênero. Pessoas Transgêneras. Psicologia. Filosofia.

## THE INDIVIDUAL IN TRANSIT: THE BEING AMONG THE SELF AND THE CATEGORY

### ABSTRACT:

Through the ontological investigations undertaken by the figure of Socrates in the Platonic work, that is, the Socratic method of inquiring about reality, a way of doing science was

---

<sup>1</sup> Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia, na Linha de Pesquisa Psicologia e Saúde. Recebido em 22/03/21 e aprovado, após reformulações, em 28/04/21.

<sup>2</sup> Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UniAcademia). E-mail: nanda.burack@gmail.com

<sup>3</sup> Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e docente do Centro Universitário Academia (UniAcademia). E-mail: hilafaria@uniacademia.edu.br

founded in the classical Greek era. Its dialectic was composed of two basic elements, namely, the refutation and the maieutics, which points to an epistemological opposition to the conception of the essence of the human being contained in the positivist classifications of modern science, represented by the international reference diagnostic manuals. This project aims to examine through a bibliographic research of a narrative character, the difference between the transgender individual's self-awareness in contrast to the categorizing theoretical scope that the diagnostic manuals deal with these entities, thus, through this study we intend to contribute to the deconstruction of pathologizing stereotypes about gender variability, cooperating for the awareness and practice of health professional. Regarding the general population, we aspire to collaborate to break paradigms and myths that touches the gender construct. The transgender individual, for having his existence situated beyond the prevailing normative possibilities, persisted in the common sense the perspective that the responsibility for harmful interventions and the lack of social understanding regarding his life were due to some pathological attribute or category inherent to them. However, it is not an innate factor, but a set of socio-political factors that submit their experiences and destine them to live on the social margin.

Keywords: Gender Identity. Transgender People. Psychology. Philosophy.

## 1 INTRODUÇÃO

O escritor Franz Kafka (1883-1924) nascido em Praga, cidade que à época pertencia ao Império Austro-Húngaro, nos convida a um exercício imaginativo em sua célebre obra **A Metamorfose** (2010). A saber, como seria a experiência de existir em outro corpo. Na narrativa, o personagem principal acorda em mais um dia comum, uma repetição do ontem, ou um amanhã com outro nome. Uma existência ordinária, igual ao acúmulo de dias repetitivos que até então chamava de vida, porém, ao olhar-se no espelho, naquele fatídico momento, algo havia mudado. Sua imagem refletia uma metamorfose corporal sobre a qual mal podia acreditar que dirá se reconhecer; ele havia se metamorfoseado em inseto. Não uma espécie de inseto carismática, aceita socialmente como uma borboleta, mas daquelas com múltiplas patas, exoesqueleto, antenas e aspecto repulsivo. O espelho naquele dia refletiu a imagem de uma barata. Como nosso protagonista então superaria seus afazeres e responsabilidades diárias com tamanha incongruência entre seu psiquismo e sua corporeidade?

Desta forma, podemos sugerir um exercício abstrativo análogo à obra kafkaniana: como seria viver dentro de um corpo com o qual sua mente não se identifica? A

experiência subjetiva de inadequação do self com a corporeidade lança o sujeito em uma angústia de desintegração, ou seja, aquilo que se é no psiquismo não corresponde ao real do corpo. Como o protagonista de Kafka ao olhar-se ao espelho, o sujeito transgênero não vê refletida a sua autoimagem subjetiva, mas sim um aglomerado de músculos e ossos, uma matéria inócua que em nada representa o seu eu. E nessa corda bamba, o indivíduo transexual empenha-se para enfrentar suas responsabilidades cotidianas, mesmo que dentro de si carregue a angústia dessa desintegração de um eu que à priori só existe na linguagem, e enquanto negação do real.

Para fora desse eu que por vezes só existe em segurança no silêncio, se estrutura o mundo social, com seus mecanismos de controle que pressionam a homogeneização dos corpos e a adequação heterocisnormativa<sup>4</sup> do desejo. A constante vigilância e repressão institucional, por vezes obrigam esses sujeitos a viver à margem, tendo menor acesso à educação formal, empregabilidade e sustento. Grande parte dessa população encontra-se em situação de vulnerabilidade, tendo que recorrer à prostituição como forma de subsistência (LODI; VERDADE, 2017).

Neste contexto, a família representa uma importante função de suporte social e afetivo ao jovem transgênero. Aquelas que apoiam e protegem evitam os resultados negativos e ajudam a promover saúde positiva e bem estar; enquanto as que rejeitam os afetam negativamente e contribuem para aumentar problemas de saúde e desequilibram os seus estados de saúde mental (LODI; VERDADE, 2017). Esses sintomas de desequilíbrio psíquico não são inerentes ao fato de uma pessoa ser trans ou dispor de alguma variabilidade de gênero<sup>5</sup>, mas sim socialmente provocados (COLEMAN et. al, 2012).

Com isso, é vital uma capacitação profissional adequada e humanizada dos operadores da saúde a partir de uma perspectiva não-patologizadora sobre a população Lésbica, Gay, Bissexual, Transexual, Queer, Intersex e mais (LGBTQI+) (LODI; VERDADE, 2017). A World Professional Association for Transgender Health (WPATH)

---

<sup>4</sup> Refere-se ao modelo de orientação do desejo e corporeidade socialmente dominantes, em que heterossexual é aquele que sente atração por pessoas do sexo oposto, e cisgênero é o sujeito em conformidade entre sua identidade de gênero e o sexo a ele atribuído ao nascimento.

<sup>5</sup> Remete ao grau em que a identidade, papel ou expressão de gênero divergem das normas culturais estabelecidas para os sujeitos de um determinado sexo.

disponibiliza gratuitamente na internet e em múltiplos idiomas – incluindo o português – seu manual de Normas de atenção á saúde das pessoas trans e com variabilidade de gênero, com diretrizes básicas para a assistência em saúde de maneira integral e humanizada (COLEMAN et. al, 2012).

Este deve ser o principal desafio do poder público: proporcionar a esses jovens um projeto de humanidade que contemple as suas especificidades, e que ensine aos profissionais de saúde a oferecer um atendimento que respeite a alteridade e as diferenças. Torna-se fundamental um movimento de desconstrução singular e coletivo dos paradigmas culturais arraigados, com o propósito de modificar a perspectiva que apreendemos o mundo, para evitarmos olhar a realidade de maneira normativa e patologizante. Esse fato nos leva a pensar na pluralidade de engendramento familiar e maneiras que contemplem a inclusão das diferenças. É preciso questionar a imposição de fenômenos generalizadores que objetivam naturalizar uma pseudo homogeneidade humana, silenciando toda uma pluralidade de eventos e expressões populacionais. Somente percebendo que entre o eu e Outro há a singularidade constitutiva de cada um, que podemos aceitar que para convivermos em harmonia e igualdade não é necessária a aniquilação do contraditório.

A presente pesquisa tem como objetivo geral a investigação da visão ontológica de si mesmo do sujeito transgênero em contraposição à categorização biomédica dos manuais diagnósticos. Como desdobramento, outras questões foram levantadas: apresentar o conceito de Ontologia; introduzir o conceito de Maiêutica Socrática; entender a construção social de gênero binário e não binário; apontar as diferenças na categorização desta população no Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais edição IV e V (DSM IV x DSM V) e elucidar as modificações no guia mais atual de Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID-11), acerca da variabilidade de gênero.

Realizou-se uma revisão da literatura de caráter narrativo, que tem como base a pesquisa exploratória e ampla, sem a pretensão de esgotar o tema, mas sim de apresentar ao leitor uma perspectiva conceitual plural (FERENHOF; FERNANDES, 2016). Como fonte de análise foram consultados livros, artigos, resenhas, monografias e

teses que abordam a temática de técnicas narrativas. Assim como as categorias presentes nos manuais diagnósticos e a construção da consciência de si do sujeito transgênero à luz das concepções socráticas, ou seja, o Ser como essência própria do ente humano. Posteriormente, foi executada uma contraposição entre a consciência de si (constructo fundamentado pela filosofia clássica grega) do sujeito e as categorias diagnósticas biomédicas, tais como as contidas nos manuais diagnósticos internacionais (DSM e CID). Para tornar factível sua realização, cumprimos o respectivo roteiro: escolha e delimitação do tema, formulação do problema, planejamento do estudo, levantamento bibliográfico, execução da pesquisa bibliográfica e redação final.

## **2 DA FILOSOFIA GREGA À CIÊNCIA MODERNA: UMA VISÃO CRÍTICA DO POSITIVISMO**

A Filosofia é concebida, quase pela totalidade dos especialistas, como uma criação própria dos gregos. Seja por uma condição sociopolítico-econômica vantajosa, seja pela posição geográfica favorável, pois a Grécia dispunha das circunstâncias necessárias que culminaram na criação desta ciência. Acerca destes antecedentes, Antiseri e Reale (2007) elucidam que os primeiros filósofos denominados naturalistas ou filósofos da *physis* deram primazia à questão do princípio (*arché*) de todas as coisas e ao Ser e suas categorias formadoras. Foi neste contexto que se formaram Sócrates (470/469- 399 a.C.), os sofistas e Platão (428/427- 348/347 a.C.).

A sucessão dos filósofos naturalistas deu-se a partir do deslocamento do eixo de pesquisa da filosofia do cosmos (*physis*) para o homem (*psyché*). Este debate desenrolou-se entre os representantes da sofística, Sócrates e Platão. Por meio destes agentes as investigações ontológicas se debruçam sobre a essência do ente humano. Nesse sentido, nos indicam que:

[...] naturalistas procuraram responder a seguinte questão: 'O que é a natureza ou a realidade última das coisas?' Sócrates, porém, procura responder à questão: 'O que é a natureza ou realidade última do homem?', ou seja, 'o que é a essência do homem?'. Finalmente, a resposta é precisa e inequívoca: o homem é a sua alma, enquanto é precisamente a sua alma que o distingue especificamente de qualquer outra coisa. E por 'alma' Sócrates entende a nossa razão e a sede de

nossa atividade pensante e eticamente operante. Em breve: para Sócrates, a alma é o eu consciente, ou seja, a consciência e a personalidade intelectual e moral (ANTISERI; REALE, 2007, p. 87).

Sócrates valeu-se do método de inquirir a realidade, ou seja, para fazer ciência guiava-se por um caminho previamente estabelecido e fundamentado pelo uso da razão (logos). Sua dialética consistia de dois momentos essenciais: a refutação e a maiêutica. Por refutação (élenchos) entendemos o estágio em que o filósofo levava o interlocutor a reconhecer sua própria ignorância. Se inicialmente compelia a uma definição sobre o assunto em que concentrava-se a investigação, à posteriori, explicitava as carências e contradições que tal noção implicava. Antiseri e Reale (2007) definem maiêutica como o ato de por meio de questionamentos fazer surgir a verdade, ou seja, ao invés de afirmações propositivas se utilizam de indagações para que surja a resposta de um problema.

Deste modo, julgamos haver uma oposição epistemológica fundamental entre a visão socrática da essência do ente humano e a concepção das classificações positivistas da ciência moderna, como as contidas nos manuais diagnósticos internacionais de referência. Neste sentido, uma categoria cultural como gênero - enquanto qualitativa e não mensurável - é transfigurada em uma divisão diagnóstica psiquiátrica, a saber, disforia de gênero<sup>6</sup>, que se propõe como objetiva. Porém, como quantificar questões subjetivas como masculinidade e feminilidade? Foi construída uma linha do tempo de como o constructo gênero se transformou em uma categoria diagnóstica.

Na década de 1950 foram publicados os primeiros artigos que registraram e defenderam a especificidade do 'fenômeno transexual'. Mas desde o início daquela década o endocrinologista Harry Benjamin se dedicava a estabelecer as ocorrências que justificariam a diferenciação das pessoas transexuais em relação às homossexualidades. A relação de abjeção que as pessoas transexuais têm com as genitálias seria uma das frequências observadas nos seus discursos. Ainda que Benjamin tenha defendido a cirurgia de transgenitalização como a única alternativa terapêutica possível para as pessoas transexuais, estabelece

---

<sup>6</sup> Termo que designa o desconforto provocado pela incongruência entre a identidade de gênero de um sujeito e o sexo a ele atribuído ao nascimento.

critérios tomados por ele como científicos para que seja possível diagnosticar ‘o verdadeiro transexual’ e assim autorizar a intervenção. Em seu livro *O fenômeno transexual*, publicado em 1966, ele fornece as bases para esse diagnóstico. O critério fundamental para definir o ‘transexual de verdade’ seria a relação de abjeção, de longa duração, com suas genitálias. [...] O desejo em produzir um diagnóstico diferenciado para transexuais, anunciado precariamente na década de 1960, ganhou concretude nos anos 1980. A sua inclusão no Código Internacional de Doenças, em 1980, foi um marco no processo de definição da transexualidade como uma doença. Foi naquele mesmo ano que a Associação de Psiquiatria Norte-Americana aprovou a terceira versão do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, incluindo a transexualidade no rol dos ‘Transtornos de Identidade de Gênero’ (BENTO; PELÚCIO, 2012, p. 3).

Acerca da questão da norma e da categorização nas ciências biológicas, normativo seria qualquer juízo que examine ou classifique um fato em relação a uma norma, e neste sentido, então, o julgamento estaria subordinado àquele que instituiu a norma. Desta forma, quando refere-se à normatividade biológica, ela não é inerente à natureza em si mesma, mas sim uma organização e sentido que o ser humano atribui a ela. A norma e a normatividade não são categorias intrínsecas ao objeto, mas sim concepções conferidas à posteriori (CANGUILHEM, 2009).

Por conseguinte, normal (*normalis*, de norma, regra) seria conforme a regra, regular. Derivariam dois sentidos para o constructo normal: (I) é normal aquilo que é conforme a regra e (II) é normal o que se encontra na maior parte das ocorrências. Seria então designar um fato e ao mesmo tempo uma atribuição de valor pelo sujeito que fala. Deste modo, para a medicina, normal designa, ao mesmo tempo, o estado habitual dos órgãos e seu estado ideal, uma vez que seu restabelecimento é o objeto usual das terapêuticas (CANGUILHEM, 2009).

Parece-nos que a cisão do problema se dá justamente no âmbito da categorização externa ao sujeito. Um comportamento só é considerado como desviante se comparado a uma norma hegemônica. Logo, não há, intrinsecamente, naquele ente uma patologia acerca de gênero, mas sim uma classificação externa que segue paradigmas normatizadores de corporeidade e comportamento de um determinado tempo histórico. Assim, defendemos a existência de uma divergência entre a consciência de si do sujeito transexual em contraposição ao escopo teórico categorizador que os manuais diagnósticos versam sobre esses entes.

## 2.1 A COMPREENSÃO DO SER ENTRE A FORMAÇÃO SUBJETIVA DO EU E A CATEGORIA DIAGNÓSTICA

A Ontologia que Aristóteles (384/383- 322 a.C.) denomina como Ciência Primeira (Philosophia Prima), é a doutrina que se dedica a investigar o Ser. Este pode ser tomado por suas categorias formadoras intrínsecas, ou seja, material ou não-material, finito ou infinito, atributos que o constituem. Ou entendido por suas categorias extrínsecas e relacionais, enquanto um fenômeno no mundo, modificando o meio ao mesmo tempo em que também é modificado por ele (MORA, 2004). De maneira análoga, podemos interpretar o Eu à medida em que há atributos e classificações que o integram intrinsecamente e extrinsecamente, isto é, respectivamente sua subjetividade e seu existir no mundo. Não se pode separar o Eu do seu existir, tampouco, podemos tomar a parte pelo todo. Desta forma, não podemos reduzir o Eu à sua formação psicológica interna e nem ao seu existir no ambiente e tempo histórico.

A Psicologia Clássica, em sua predominância clínica e enfoque alinhado ao modelo biomédico em seu binômio normal e patológico, por vezes cometeu o equívoco durante sua história de reduzir o ente humano às categorias psicologizantes internas, convertendo o sujeito a apenas uma de suas partes. Não pretendemos negar a existência da subjetividade ou a vida psíquica interna, porém, o Ser não vive em um vácuo no tempo-espço, mas sim em uma sociedade e cultura circunscritas em uma temporalidade histórica. Desta forma, o discurso do sujeito se manifesta como múltiplo e relata tanto possíveis aspectos de sua personalidade como de sua vivência cotidiana.

Ao pensarmos os processos psíquicos de subjetivação, é necessário fazer uma diferenciação fundamental entre as identificações e a identidade. Quando falamos em identificação, nos referimos a um processo singular em que cada indivíduo associa-se a signos que irão sustentar sua autoimagem e dar sentido a suas ações no mundo. Assim, um mesmo sujeito poderia acomodar em si diferentes identificações na formação da sua autorrepresentação. Acrescentando ainda que a construção do Eu para Freud abriga uma pluralidade identificatória contraditória e não constitutiva como uma (LIONÇO, 2019). É justamente do tensionamento desses signos destoantes formadores da autoimagem

subjetiva que se forma o material primordial para o exame psicanalítico: (I) a angústia, que é o que coloca o sujeito em movimento, e (II) a falta, terreno fértil e propício para a concepção do desejo.

Já o segundo processo, a saber, a identidade, é o conjunto dessas múltiplas identificações que dão sustentação à representação psíquica de si. O nó ou engodo se dá justamente na impossibilidade de formação de um conjunto unitário e preciso, pois os signos identificatórios agrupados são, por vezes, contraditórios entre si. Mas, para além da fricção gerada pelo choque dessas forças internas, o sujeito está no mundo e em relação com o outro, portanto, há também uma importância política da identidade. A formação de uma identidade resulta de uma demanda de reconhecimento pelo outro, apontando para uma matriz cognoscível comum e ao laço social. Neste sentido, é possível refletir sobre as mobilizações políticas de grupos sociais a partir de marcadores partilhados, e a relação desses sujeitos com as instituições (LIONÇO, 2019). Há portanto processos subjetivos singulares que nos diferenciam entre si, e processos subjetivos coletivos que nos aglutinam enquanto seres sociais.

Dentro da complexidade dessas ações, quais seriam então os métodos possíveis de inquirir a realidade e nos aproximar da verdade? Platão em seu clássico diálogo intitulado **Teeteto** (1988), nos apresenta através do personagem Sócrates a base de sua epistemologia. O método socrático de inquirir a realidade, a saber, a maiêutica, nos é mostrado como o meio de levar o interlocutor à descoberta da verdade mediante uma série de perguntas. Ao final desse procedimento chega-se à verdade, descobrindo-a por si mesmo (MORA, 2004). Logo, na lógica socrática a essência última do ente humano é o conhecimento de si:

Um dos raciocínios fundamentais feitos por Sócrates para provar essa tese é o seguinte: uma coisa é o 'instrumento' que se usa e outra é o 'sujeito' que usa o instrumento. Ora, o *homem* usa o seu próprio corpo como instrumento, o que significa que o sujeito, que é o homem, e o instrumento, que é o corpo, são coisas distintas. Assim, à pergunta 'o que é o homem?', não se pode responder que é o seu corpo, mas sim que é 'aquilo que se serve do corpo'. Mas 'o que se serve do corpo é a *psyqué*, a alma (igual a inteligência)', de modo que a conclusão é inevitável: 'a alma nos ordena conhecer aquele que nos adverte: *Conhece-te a ti mesmo*' (ANTISERI; REALE, 2007, p. 88).

Desta forma, vemos uma diferença epistemológica fundamental à medida em que o conhecimento de si socrático percorre um caminho oposto ao da ciência positivista moderna. Isso pode ser constatado quando analisamos o Ser para Sócrates em contraposição ao Ser categorizado contido nos manuais diagnósticos psiquiátricos modernos. Em suas edições atuais, tanto o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), quanto a Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados (CID), modificaram suas diretrizes diagnósticas. Contemplando assim novos entendimentos referentes às variabilidades de expressões de gênero e também o não binarismo; sendo agora consideradas uma variação da normalidade e não mais um transtorno mental (SOLL, 2016).

Deste modo, ambos os manuais parecem estar parcialmente em consonância com as evoluções sociais e culturais ao redor do mundo. Porém, há de ser perceptível a necessidade de trilhar um caminho em direção à naturalização das existências dissidentes das heteronormativas e hegemônicas. Essa despatologização se deu por meio de constantes manifestações sociais e políticas pelos direitos das pessoas trans. Embora os Manuais Diagnósticos pretendam se posicionar enquanto instrumentos objetivos, não é recomendável enquadrar ou cristalizar uma categoria cultural como gênero, em um diagnóstico psiquiátrico. Algo que favorece o erro de se patologizar um fenômeno que é uma variação das múltiplas expressões do viver humano.

O gênero é uma construção social que é produzida pela repetição de determinadas maneiras de fazer o gênero que criam uma série de efeitos que são tomados como essências. São, contudo, criados por essa repetição e citados por ela como se houvesse neles uma originalidade do qual todo gênero seria cópia, de dois modelos distintos: o masculino e o feminino. Pelo contrário, são as citações, as cópias que criam a ideia de que existe um original a ser copiado. Essa repetição ao longo do tempo produz a ilusão de que existe uma essência de gênero e de que ele existe como matéria, expressa no sexo e no discurso biológico. Para Butler (1993), o sexo é uma produção do gênero, no sentido em que o significado social atribuído ao sexo é todo ele gênero. [...] Apesar das dimensões biológicas que possam eventualmente introduzir diferenciação sexual, serão os sistemas sociais de representação e produção do gênero que darão significado a essa potência biológica (OLIVEIRA, 2017)<sup>7</sup>.

Na literatura dos estudos sobre gênero, seriam três as principais compreensões sobre a formação das identidades de gênero: a perspectiva universal, a perspectiva

---

<sup>7</sup> A obra consultada refere-se a um E-book sem paginação.

relacional e a perspectiva plural. A universal compreende a interpretação sobre as posições dos gêneros na sociedade, a partir de um entendimento binário e universal, em que existem dois tipos diferentes de corpos, gêneros e subjetividades. Na concepção relacional, o gênero é trabalhado em interrelação – a mulher negra em relação a mulher branca; o homem de classe média em relação ao homem de classe baixa, etc. É fundamentada na diferença entre os sexos, com a cultura vindo apenas à posteriori para distribuir as atribuições de gênero. Por fim, a perspectiva plural é estabelecida na multiplicação das distinções, em que a noção de “diferença sexual” não é tomada como um dado da natureza, mas como um problema de investigação (BENTO, 2016).

Ainda segundo a autora, há uma aproximação entre a 5a. edição do DSM e a concepção universalista, uma vez que há uma primazia à dimensão biológica. Mesmo que a contribuição da cultura e da sociedade para a formação do gênero não seja completamente negada no referido manual, assume um papel secundário se comparada às questões orgânicas. A cultura entraria em um segundo momento, forjando suas modificações em uma matéria previamente pronta, alicerçada na diferença sexual. Como se houvesse à priori a matéria biológica dada ao nascimento, e à posteriori as demais culturas lapidariam os sentidos atribuídos ao lugar do masculino e feminino (BENTO, 2016) .

Ao abordar a despatologização das identidades trans, estamos nos referindo à desvinculação da autonomia das decisões pessoais, acesso a direitos civis, serviços, tecnologias biomédicas e outras práticas de cuidado em geral à tutela da medicina e do direito. Atualmente, os sujeitos que apresentam alguma variabilidade de gênero têm suas existências submetidas a uma lógica binarista e estereotipada, cujo objetivo é adquirir uma passabilidade cisgênero para possibilitar assim uma adequação social. É necessário que estas pessoas adquiram o reconhecimento coletivo, contemplando as múltiplas possibilidades de identidades de gênero e a variabilidade dos corpos em relação à anatomia sexuada. A escolha individual de recorrer ou não às tecnologias biomédicas, a adequação somática ao que se compreende como corpo feminino ou masculino, não deve ser condição primeira para o reconhecimento desses entes (LIONÇO, 2019).

As pessoas cisgênero não estão submetidas às estereotípias de gênero, podendo acionar distintas identificações ao feminino e ao masculino com mais liberdade. Expressando masculinidade e feminilidade de modo bastante heterogêneo e, ainda assim, atingindo reconhecimento no laço social. Nenhum signo identificatório está interdito ao sujeito cisgênero, o que não ocorre com as pessoas trans, intersexuais e travestis.

[...] para as mulheres trans, a identificação à masculinidade é interdita, um tabu que impediria o reconhecimento social de sua identidade de gênero. Temos que entender melhor a complexidade desse jogo de cerceamentos das possibilidades de apropriação singular do universo simbólico, de que podemos ou não acessar signos de masculinidade e de feminilidade disponíveis no universo simbolicamente compartilhável. Existem condicionantes de subalternização ou de abjeção que recaem sobre determinadas forma (sic) de acessar signos para representar a si mesmo. É como se a exigência de adesão à estereotípias da performatividade do gênero fosse mais incisiva sobre pessoas transexuais e intersexuais do que sobre pessoas cisgênero. O critério de reconhecimento de identidade pessoas trans e intersexo não é o mesmo para o reconhecimento de pessoas cisgênero, sendo a adesão a signos incontestáveis e estereotipados de feminilidade ou de masculinidade requerida para o reconhecimento social da pessoa trans e intersexo como mulher ou homem, respectivamente (LIONÇO, 2019, p. 184).

Desta forma, percebemos que o constructo gênero está entrelaçado a um conjunto de forças subjetivas e sociais que vão muito além de uma categorização biomédica que se supõe una, universal e neutra. Parece claro que determinadas formas de existência são legitimadas por um discurso de poder hegemônico, enquanto outras são preteridas e por vezes patologizadas.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Seria moderadamente descomplicado se tudo aquilo que existe pudesse ser reduzido a um conjunto de binômios, como ser ou não-ser; intrínseco ou extrínseco; feminino ou masculino; etc. Todavia, o real é composto por uma infinidade de variáveis e nuances que superam, em muito, o dualismo ingênuo e homogêneo contido nestas proposições. Desta forma, além da pluralidade, há também uma gradação entre os fenômenos. Embora todo sujeito que exista seja material, extenso e temporal, ele é o

resultado de interações que tangenciam a sua vivência e o seu ser. O indivíduo que manifesta algum nível de variabilidade de gênero cumpre as condições de: (I) materialidade, à medida que tem um corpo; (II) extensão, pois este corpo existe no mundo e (III) temporalidade, visto que pertence a um tempo histórico. Não obstante, podemos dizer que a relação entre a sua existência e o ambiente é qualitativamente semelhante a outras formas de corporeidade hegemônicas?

Parece-nos equivocado supor, então, ser inerente à própria existência do sujeito transexual a relação conflitante entre seu corpo, sua identidade de gênero, sua performatividade e a sociedade. O seu existir situa-se para além das possibilidades normativas predominantes, tendo por muitos anos a transexualidade sido categorizada nos manuais diagnósticos como doença mental. Perdurou assim, a visão de que a responsabilidade das intervenções danosas e a não compreensão social ante o viver desses sujeitos se devessem a algum atributo ou categoria inerente a eles, e não a um conjunto de fatores sócio-políticos que submetiam suas vivências e os destinavam a um quadro patológico apenas por desobedecer à norma dominante.

Assim, pretendemos desconstruir estereótipos patologizantes que perduram nos discursos biomédicos e influenciam a sociedade. Ao contrapor a visão de si do sujeito com as categorias diagnósticas que tentam enquadrar o seu existir, desejamos propor uma reflexão acerca do controle que recai sobre alguns corpos. E nesse constante tensionar entre o existir no mundo e as classificações científicas, o poeta brasileiro Augusto dos Anjos, em seu poema *Monólogo de uma sombra*, nos põe a pensar sobre a fricção entre o eu, que compõe o sujeito, e a categoria, que integra a ciência:

Provo desta maneira ao mundo odiento  
Pelas grandes razões do sentimento,  
Sem os métodos da abstrusa ciência fria  
E os trovões gritadores da dialética,  
Que a mais alta expressão da dor estética  
Consiste essencialmente na alegria (ANJOS, 2005, p. 47).

Parece-nos então, que na modernidade, o normal e o patológico são atravessados por uma fantasia de equilíbrio; à medida em que aquilo que escapa à norma pode ser categorizado como patologia ou combatido por meio de uma prática farmacológica.

Assim, como no passado, estar “doente das paixões” era visto como um desequilíbrio da razão (logos). A questão se sofisticava na modernidade, assumindo uma roupagem neurocientífica: desequilíbrio bioquímico do cérebro. Amarante e Freitas (2017), nos instigam a pensar se a medicalização é capaz de tamponar a falta e a angústia, que são inerentes ao próprio ato de existir. O ser-aí<sup>8</sup> (Dasein) heideggeriano é fragmentado na atualidade, e manifesta uma nova abordagem tecnocientífica: a angústia converte-se em transtorno de ansiedade; a finitude ou ser-para-morte<sup>9</sup> é contrariada por uma categorização diagnóstica ou por uma prática biomédica que postergue ao máximo o fim. A vida cotidiana é enquadrada nas linhas de uma bula farmacológica (AMARANTE; FREITAS, 2017).

Não se trata, no entanto, da negação absoluta da relevância das ciências médicas e seus frutos. A reflexão crítica sobre os fenômenos biocientíficos e suas respectivas repercussões na sociedade e cultura é um esforço para o refino do olhar. A produção científica não resulta apenas em exclusão de grupos para além da norma, mas versa também sobre a incorporação de outros que se encontravam à margem. Como salientam Amarante e Freitas (2017), o exemplo do movimento para inclusão nos manuais diagnósticos do transtorno de estresse pós-traumático como critério diagnóstico. Uma reivindicação dos veteranos de guerra do Vietnã, para que os mesmos pudessem ter acesso aos direitos de proteção social nos Estados Unidos da América.

Embora o estudo de caráter bibliográfico se proponha a delimitar um tema e apontar um esboço de resposta a um problema, encontra-se limitado quando seu objeto de estudo é o ente humano. Isso porque sua variabilidade de características e possibilidades infinitas do seu existir no mundo não cabem dentro de um laboratório, nas páginas de um livro ou em uma obra de arte. É necessário investigar o tema em pesquisas de campo futuras. Ouvir na clínica o que esses sujeitos têm a dizer sobre si, como constroem suas próprias narrativas.

---

<sup>8</sup> Dasein (ser-aí) é um conceito cunhado pelo filósofo alemão Martin Heidegger em sua célebre obra *Ser e Tempo*. Este constructo é a base de seus estudos ontológicos e de sua fenomenologia.

<sup>9</sup> É um conceito heideggeriano que se refere ao fenômeno de finitude da matéria, ou seja, tudo aquilo que é material tem sua existência e extensão circunscritas ao espaço e tempo.

Desta forma, poderemos então estabelecer um exame comparativo entre o que versam os manuais diagnósticos psiquiátricos modernos e os registros narrativos dos sujeitos de interesse da pesquisa, nos valendo das técnicas narrativas, forjadas por Breakwell (2010). Este recurso é extensivamente utilizado como método de pesquisa em Psicologia, para captar a essência destes indivíduos, com o objetivo de firmar na perspectiva de equilíbrio e entendimento à pluralidade do Ser enquanto agentes sociais. Julgamos assim ser necessária a continuação das investigações acerca do tema proposto na presente pesquisa, tal como o seu respectivo aprofundamento.

## REFERÊNCIAS

AMARANTE, Paulo; FREITAS, Fernando. **Medicalização em psiquiatria**. 2. ed. Fiocruz, 2017. E-book Kindle.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-IV-TR**. 4. ed. Jones & Bartlett, 2002. E-book Kindle.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ANJOS, Augusto. **Eu e outras poesias**. 1. ed. São Paulo: Ática, 2005.

ANTISERI, Dario; REALE, Giovanni. **História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. 10. ed. São Paulo: Paulus, 2007.

BENTO, Berenice; PELÚCIO, Larissa. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 569 -58, maio/ago. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2012000200017/22863>. Acesso em: 24 fev. 2021.

BENTO, Berenice. Disforia de gênero: geopolítica de uma categoria psiquiátrica. **Revista Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p. 496 - 536, set. 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/25170>. Acesso em: 04 mar. 2021.

BREAKWELL, Glynis. O uso do autorregistro: métodos de diário e de narrativa. *In*: BREAKWELL, Glynis; HAMMOND, Sean; SCHAW, Chris; SMITH, Jonathan. **Métodos de pesquisa em Psicologia**. 3. ed. São Paulo: Artmed, 2010. p. 260 - 277.

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. 6. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

- COLEMAN, Eli. *et al.* Normas de atenção à saúde das pessoas trans e com variabilidade de gênero. **Normas de Atenção - WPATH**. v. 7, p. 01 - 131, 2012. Disponível em: [https://www.wpath.org/media/cms/Documents/SOC%20v7/SOC%20V7\\_Portuguese.pdf](https://www.wpath.org/media/cms/Documents/SOC%20v7/SOC%20V7_Portuguese.pdf). Acesso em: 24 fev. 2021.
- FERENHOF, Helio Aisenberg; FERNANDES, Roberto Fabiano. Desmistificando a revisão de literatura como base para redação científica: método SSF. **Revista ACB: Biblioteconomia**. Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 550 - 563, dez. 2016. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1194>. Acesso em: 04 mar. 2021.
- KAFKA, Franz. **A Metamorfose**. São Paulo: Abril, 2010.
- LIONÇO, Tatiana. Reinventar a Psicologia para a redescritção da humanidade: reflexões sobre intersexualidade, transexualidade/travestilidade e cisgeneridade. *In*: FERRÃO, Dalcira; CARVALHO, Lucas Henrique; COACCI, Thiago. **Psicologia, gênero e diversidade sexual: saberes em diálogo**. Belo Horizonte: MG: CRP04, 2019. p. 175 - 194.
- LODI, Ana; VERDADE, Kelly Kotlinski. Transexualidade e Infância: buscando um desenvolvimento saudável. **Revista Eletrônica OABRJ - Edição Especial Temática DCA**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 01 - 26, jun. 2017. Disponível em: <https://revistaeletronica.oabrij.org.br/wp-content/uploads/2017/10/Transexualidade-e-inf%C3%A2ncia.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2021.
- MORA, José Ferrater. **Dicionário de Filosofia**. Tomo III. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- OLIVEIRA, João Manuel. **Desobediências de gênero**. Salvador: Devires, 2017. E-book Kindle.
- PLATÃO. **Teeteto e Cratilo**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 2. ed. Belém: Universidade Federal do Pará: Gráfica e Editora Universitária. 1988.
- SOLL, Bianca Machado Borba. **Incongruência de gênero: um estudo comparativo entre os critérios diagnósticos CID-10, CID-11 e DSM-5**. 2016. Dissertação (Pós-Graduação em Ciências Médicas: Psiquiatria) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10**. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2020. E-book Kindle.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. **ICD- 11 International Classification of Diseases 11th Revision**. 2018. Disponível em: <https://icd.who.int/en>. Acesso em: 15 mar. 2021.